

Trabalhadores do porto de Porto Alegre: costumes e experiências.

Workers in the port of Porto Alegre: customs and experiences.

Jairo Luiz Fleck Falcão*

Resumo: Neste texto, analisamos os elementos constitutivos da experiência dos trabalhadores do porto, focando a relação entre trabalho, memória e corpo. A memória do trabalhador está relacionada ao corpo, por ser sua principal ferramenta de trabalho, mas este nunca trabalha sozinho, precisa tanto do prolongamento e da ajuda de outros corpos em movimento, como também de máquinas e ferramentas que o auxiliem em sua jornada. A documentação que possibilitou o acesso à memória desse grupo de trabalhadores do porto foi produzida por meio da metodologia da História Oral, fruto da linguagem e da interação entre entrevistado e entrevistador.

Palavras chave: Experiência. Trabalhadores do porto. Porto Alegre.

Abstract: In this paper, we analyze the constituent elements of the experience of dock workers, focusing on the relationship between working memory and body. The memory is related to the worker's body to be your main working tool, but it never works alone, both the extension and need the help of other bodies in motion, as well as machines and tools that will help you on your journey. The documentation that allowed access to the memory of this group of workers of the port was produced using the methodology of oral history as a result of language and interaction between interviewee and interviewer.

Keywords: Experience, Worked port. Porto Alegre.

Neste texto, analisamos os elementos constitutivos da experiência dos trabalhadores do porto, focando a relação trabalho e corpo. As principais fontes analisadas são as narrativas produzidas por meio da interação entre entrevistado e entrevistador, pelo registro da História Oral, fruto da experiência da coletividade dos trabalhadores do porto, pois, mesmo sendo registro de lembranças individuais, representam a coletividade na qual está inserido o narrador. Conforme esclarece Marluza Harres (2004: 145), “é a experiência do indivíduo com o passado que precisa ser compreendida, o que implica termos em conta o trabalho de memória na formação das identidades pessoais e sociais”. Dessa forma, a significação assumida pelo passado, em termos individuais, será analisada como um elo de

* Doutor em História pela UNISINOS e docente na UFMT.

entendimento das vivências e experiências dos trabalhadores do porto de Porto Alegre.

Edward Thompson (1987) mostrou a maneira como a experiência da plebe, mesmo dispersa, configurou-se em diversas lutas e resistências, apegando-se aquela no costume e na cultura, para lutar pela manutenção de direitos, de formas consagradas, de modos de sobrevivência. Foi quando ela se formou como classe operária, ao mesmo tempo em que tomava consciência de classe, pois, “ao *plantar a árvore da liberdade* na classe trabalhadora, os sentimentos radicais e democráticos metamorfosearam-se, de modo a tornar-se um elemento distintivo da consciência da classe operária, no século XIX” (ARRUDA, 1995, p. 99). Não se pode generalizar, para o Rio Grande do Sul, no século XX, o que os trabalhadores ingleses do século XVIII faziam, porém, ao comparar a essência que fundamentava as ações em ambos, encontram-se diversas semelhanças, em proporções, tempos e formas diversas. A defesa das regras estabelecidas pelas categorias, a manutenção das formas de trabalho e da prerrogativa da distribuição do serviço realizada pelos sindicatos, a conservação dos ganhos, etc., são formas que vinham sendo utilizadas havia algum tempo, na tentativa de manter e ampliar os direitos dos trabalhadores do porto.

A experiência, conforme o caracteriza o próprio Thompson (1981: 182), é formada por homens e mulheres que são sujeitos, não totalmente autônomos, livres, mas que

experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua consciência e sua cultura [...] das mais complexas maneiras (sim, “relativamente autônomos”), e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada.

A relação com seu tempo e outros agentes sociais, iria contribuir para que os trabalhadores encontrassem alternativas que eram nuançadas por essas relações.

Thompson (1981: 16), apropriadamente, afirma:

a experiência é válida e efetiva, mas dentro de determinados limites [...]. Mas a questão que temos imediatamente à nossa frente não é a dos limites da experiência, mas a maneira de alcançá-la, ou produzi-la. A experiência surge espontaneamente no ser social, mas não surge sem pensamento. Surge porque homens e mulheres [...] são racionais, e refletem sobre o que acontece a eles e ao seu mundo. [...] ocorrem mudanças no ser social que dão origem a experiência modificada; e essa experiência é “determinante”, no sentido de que exerce pressões sobre a consciência social existente, propõe novas questões e proporciona grande parte do material sobre o qual se desenvolvem os exercícios intelectuais mais elaborados.

A história é feita por sujeitos, e estes possuem crenças, sistemas de valores, mitos e formas de organização social, política, econômica e cultural. Conforme Edward Thompson (1981: 212), “[...] *qualquer* futuro feito pelos homens e mulheres não se baseia apenas na ‘ciência’ ou nas determinações da necessidade, mas também numa escolha de valores e

nas lutas para tornar efetivas essas escolhas”. Esses valores ditos por Thompson podem ser traduzidos por costumes¹, crenças, ações que não se explicam nem pela economia e nem pela ciência lógico-matemática, mas pelo que representa, isto é, o significado dado pelo grupo a tais questões, situações, eventos e conjunto de crenças e vivências que fazem parte da tradição, mas que estão em constante mudança.

Com base nas discussões propostas por Henri Bergson (1990) entre corpo e memória, corpo e natureza e corpo e espírito, analisamos a relação entre corpo e trabalho, tendo em vista que a principal ferramenta de labuta do trabalhador braçal é seu próprio corpo, porém o seu corpo não está sozinho, precisa tanto ser prolongado pela ajuda de outros corpos em movimento, como também de máquinas e ferramentas que o auxiliem em sua árdua jornada. Mas, conforme Marx, o homem se humaniza à medida que trabalha ao mesmo tempo em que se torna consciente de sua condição de trabalhador.

A experiência dos trabalhadores do porto faz que o exercício dessas tarefas braçais permaneça na lembrança, nuançado pelos eventos significativos que foram incorporados no dia-a-dia dos trabalhadores os quais, ao longo do tempo, se misturaram às tarefas executadas e passaram a fazer parte da memória.

Além disso, temos presente que a documentação que possibilitou o acesso à memória desse grupo de trabalhadores do porto foi produzida por meio da metodologia da História Oral; por isso, é produto da linguagem e da interação entre entrevistado e entrevistador. E, conforme Verena Alberti (2004), é preciso recorrer ao estudo da linguagem: a hermenêutica, especialmente a teoria literária, para auxiliar na análise das fontes orais.

Também devemos ter claro que as entrevistas representam um ponto de vista coletivo, inserido dentro de um contexto que o indivíduo viveu, vivenciou e lembra a partir da sua experiência, mas que são lembranças individuais, nuançadas pela sua capacidade de articular o pensamento e a fala, intermediada pelo corpo, bem como pelos recursos mobilizados para tal.

Conforme explica Marluza Harres (2004: 145), baseada em Halbwachs, a memória é um fenômeno social que “examina e discute a reconstrução das lembranças pensando no âmbito das relações sociais e dos grupos de convívio”.

Ao analisar as entrevistas realizadas com os trabalhadores do porto de Porto Alegre, é necessário levar em conta que o indivíduo é um ser social, cuja percepção dos acontecimentos vistos e vividos está em conformidade com a do grupo; por isso, as

¹ “Costume” é o termo empregado por Thompson (1998: 14) “para denotar boa parte do que hoje está implicado na palavra ‘cultura’. O costume era a ‘segunda natureza’ do homem”. Pode-se traduzir “costume” por produção humana, que passa a ser repetida, produzida e reproduzida por outros semelhantes, com modificações e aperfeiçoamentos. Entendendo o costume como um campo aberto para as disputas, pode-se dizer que o trabalho no porto está permeado de elementos costumeiros.

experiências relatadas podem ser pensadas como relacionadas ao grupo de convivência, e, portanto, aos trabalhadores e ao trabalho no porto. Sendo assim, a experiência da coletividade em que está inserido o narrador pode ser captada nas lembranças individuais. Portanto, podemos viver experiências a sós, mas não podemos dizer que são lembranças só nossas, pois “as impressões que tivemos e que nos marcaram estão circunscritas no âmbito das relações que mantivemos, dos grupos que integramos” (HARRES, 2004: 146-7).

As implicações da memória podem ser atestadas pela importância do lugar social que ocupa o indivíduo que narra, de onde ele fala, o interesse em revelar tais informações ou em não as revelar, suas filiações, seus posicionamentos e a relação com os outros. Ainda são importantes os meios, o tempo, o espaço, a necessidade de lembrar ou de esquecer, as vivências e as relações posteriores que influenciam e influenciaram as suas formas de expressão, as implicações políticas da exposição, as crenças e mesmo os interesses do indivíduo que fala. No entanto, algumas formas de expressão podem escapar nas fendas do dito e do não dito e serem captadas por quem as analisa.

Dessa forma, a entrevista com João Albino, popularmente conhecido como Maromba, está crivada de elementos e interesses relacionados ao momento vivenciado por ele e pelos estivadores no instante da entrevista. Cumpre salientar que na semana que antecedeu a entrevista, estava reunido com todos os sindicatos de estiva do Brasil, no Paraná, por uma semana com o objetivo de promover um estado de greve nos portos brasileiros e exigir a revisão da Lei 8.630/93², que considerava inconstitucional. Entretanto, também se pode dizer – e é fundamental ter presente – que Maromba foi vice-presidente do Sindicato dos Estivadores e, portanto, Fiscal Geral, e que fez a escalação dos trabalhadores por um longo período.

A entrevista com Jorge Paiva foi realizada em sua residência, um local muito tranquilo, uma casa de orações de religião afrodescendente e se desenvolveu de forma bastante versátil. A narrativa tem uma característica de muito movimento, está crivada de elementos relacionados ao corpo, à sua memória e de uma preocupação em manter uma memória dos trabalhadores do porto e do porto em si.

² Dentro dos princípios neoliberais, a Lei 8.630/93 transferiu para o Acordo, Contrato ou Convenção Coletiva de Trabalho a competência de regular as relações capital/trabalho nos portos, por meio de negociações, o que era antes atribuição da União. Portanto, ao retirar-se da intermediação e regulamentação legal, o Estado passa a ser teoricamente apenas um *auxiliar* das partes envolvidas na esfera das negociações coletivas. Dessa forma, ocorre uma redefinição no papel dos sindicatos, perdendo, assim, a *closed shop* ou a gestão da mão-de-obra do seu pessoal associado. Ocorre um princípio de privatização dos portos, onde a responsabilidade pelas operações portuárias acabou ficando nas mãos dos operadores portuários, isto é, de entidades privadas que substituíram as Administrações dos portos, que se transformaram em “autoridades portuárias”.

A entrevista com Geraldo da Silveira foi realizada em sua residência, em Sapucaia do Sul; está balizada por sua relação com o futebol, que possibilitou seu ingresso como estivador, e pela preocupação em relacioná-lo ao grupo a que pertencia e, ao mesmo tempo, ao sindicato dos estivadores e à manutenção da profissão de trabalhadores do porto.

A entrevista com José Carlos Correa, conhecido como Cabobabá foi realizada no sindicato dos estivadores e contém elementos relacionados ao carnaval à Associação dos Estivadores Aposentados da qual é atual presidente e à sua condição de sempre ter sido quadro-extra, bagrinho como chama. Por ter ingressado em 1978 e por nunca ter sido colocado no quadro de sócios devido não só ao fato de o trabalho haver diminuído nos anos oitenta, mas também à falta de interesse da diretoria de fazê-lo. Como ele mesmo conta, que os colegas mais próximos diziam: “bota o Cabobabá de sócio. Aí, sempre tinha uma desculpa. Não dá. Porque agora não dá, vamos esperar mais um pouco. E o tempo foi passando e eu nunca me interessei”. Logo, a entrevista está balizada por essas questões; seu ponto de vista foi sempre o de bagrinho e, como seu ingresso se deu no final dos anos setenta, suas lembranças e observações dos acontecimentos são nuançadas por essas referências.

Para Bergson, a memória é um “instrumento” individual necessário para a sobrevivência do ser humano; é por meio da memória que nos movimentamos, recorremos aos amigos, executamos tarefas, saímos e voltamos para casa, repetimos tradições e rituais, vivemos o dia-a-dia, etc., mas a memória também é imaginação, conjunto de imagens, e, portanto, representação. A memória, segundo Bergson (1990: 187), “tem por função primeira evocar todas as percepções passadas análogas a uma percepção presente, recordar-nos o que precedeu e o que seguiu, sugerindo-nos assim a decisão mais útil”. Porém, continua Bergson (1990: 187), a memória não se resume somente a isso, pois,

ao captar numa intuição única momentos múltiplos da duração, ela nos libera do movimento de transcorrer das coisas, isto é, do ritmo da necessidade. Quanto mais ela puder condensar esses momentos num único, tanto mais sólida será a apreensão que nos proporcionará da matéria.

Partindo dessa premissa de que a memória condensa momentos, temos o fundamento de que ela está ligada ao tempo; nem sempre podemos considerar o instante inicial e nem o momento exato, quando se fala de memória, mas tudo se atualiza e passa a ser referência a partir do aqui, do agora. Por isso, para Bergson (1990), a memória não consiste em uma regressão do presente ao passado, senão o contrário, um progresso do passado ao presente. O estado cerebral continua a recordação; capta-a sobre o presente pela materialidade que lhe confere; porém a recordação pura é uma manifestação espiritual; tratando-se de memória, estamos totalmente no campo do espírito.

Essa discussão realizada por Bergson relaciona-se ao momento em que o autor estava vivendo, ao momento da construção das ciências sociais e humanas e do vínculo da ciência ao cientificismo, que negava tudo o que era considerado não científico, não provado. Conforme Schmidt (2006)³, era um momento de disputa entre a filosofia e a sociologia pela hegemonia das ciências humanas. Por isso, Bergson viu-se envolvido nessa discussão própria do final do século XIX, entre materialistas e idealistas: para os materialistas, não existia nada além da matéria e, para os idealistas, a memória era pura ideia, situava-se no espírito; assim, Bergson procura um meio termo, incorporando as análises de ambos.

A memória, para Bergson (1990: 187-88), está vinculada ao indivíduo e à relação com as coisas e os outros seres, mas o corpo do indivíduo é o centro da ação, “meu corpo com seus ‘centros perceptivos’. Estes centros são estimulados, e tenho a representação das coisas. Por outro lado, supus que esses estímulos não podiam produzir nem traduzir minha percepção. Portanto ela se encontra fora deles”.

Esclarecedora a análise realizada por Bosi (2004: 53-54) sobre memória comparando autores como Bergson e Halbwachs. Para a autora, em “Bergson, o método introspectivo conduz a uma reflexão sobre a memória em si mesma, como subjetividade livre e conservação espiritual do passado, sem que lhe parecesse pertinente fazer intervir quadros condicionantes de teor social ou cultural”. A memória colocada sob o ponto de vista do indivíduo, não sendo tratada como relacionada ao grupo, mas sim uma relação entre a “subjetividade pura (o espírito) e a pura exterioridade (a matéria). A primeira filia-se à memória; a segunda, à percepção”, não tematiza os “sujeitos-que-lembram”, e nem visualiza as “relações entre os sujeitos e as coisas lembradas; como estão ausentes os nexos interpessoais, falta, a rigor, *um tratamento da memória como fenômeno social*”. Porém Halbwachs já parte de um objeto diferente, não investiga a memória em si, mas “os quadros sociais da memória”; por isso, a ênfase é dada ao grupo, ao social, às relações que constroem os indivíduos. Ao contrário de Bergson, para quem “o espírito conserva em si o passado na sua inteireza e autonomia”, Halbwachs destaca “a iniciativa que a vida atual do sujeito toma ao desencadear o curso da memória. Se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar [...]”. Portanto, o ato de lembrar não significa reviver

³ Benito Schmidt expressa sua preocupação com a falta de uma maior discussão teórica em torno do uso de aparatos da memória e sua relação com a história. Neste texto utilizamos teóricos da memória e sua relação com a história, que buscam suas referências em duas diferentes correntes, que Schmidt (2006) denominou de “matriz fenomenológica-hermenêutica-compreensiva” e a “sociológica-cientificista-nomotética”, situando, na primeira, Henri Bergson e, na segunda, Maurice Halbwachs. Procuramos colocá-los para dialogar, porém tendo claro que, em alguns pontos existe uma incompatibilidade entre ambos.

aquilo que já passou, “mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (Bosi, 2004: 54).

Para Bergson, não existem imagens em nossa memória, como diziam os materialistas, mas sim percepções, e não existe nada da consciência que não tenha passado pelos nossos sentidos. Todavia, Bergson (1990) identifica dois tipos de memória: a memória mecânica, corporal, e a memória pura. A primeira consiste unicamente na repetição de uma função tornada automática, o que Bosi (2004) chamou de *memória-hábito*, dos mecanismos motores. A segunda reside nas imagens da lembrança, que Bosi (2004: 48) diz serem “lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituíram autênticas ressurreições do passado”.

Existe um conflito entre essas duas memórias, a mecânica e a dos devaneios, principalmente no trabalho e na maneira de realizar as tarefas, pois o ato de experimentar, de fazer diferente, pode causar problemas, mas, por outro lado, se não houver experimentação, não ocorrem mudanças.

Diferente do modelo textual com base no qual o historiador produz a história, a recordação está ligada a imagens, sentimentos, emoções, elos, encadeamentos. “Recordar liga-se a subjetividade, recordamos sob a forma de sentimentos ou imagens [...]. A memória depende de encadeamentos, elos são condições para recordar” (HARRES, 2004: 150).

Tendo essas referências sobre memória, podemos afirmar que os entrevistados trazem elementos bastante nuançados por esses fundamentos ditos até aqui. Jorge Paiva conta como se dava o trabalho em uma barcaça que contratava os arrumadores para fazer o trabalho de carga e descarga no porto. Diz o entrevistado, ao falar do saco de uréia que tinha que descarregar: em torno de setecentos ou oitocentos, “[...] eles chamavam de tanino; tanino era um saquinho de trinta ou quase quarenta quilos, mas ele era **assim socado**, então ficava um saquinho **assim desse tamanho**, era um saquinho branco... parece que tinha uréia dentro”. As expressões “*assim*”, “*socado*” e “*desse tamanho*” denotam uma movimentação corporal própria do trabalho braçal, força de expressão para demonstrar com palavras aquilo que o corpo estava acostumado a fazer, demonstrando uma memória corporal, que faz a cena reaparecer em nossa imaginação.

A entrevista com Jorge Paiva está crivada tanto de imagens, que se cristalizam, imagens relacionadas ao trabalho braçal, à expressão corporal, à representação de uma linguagem própria dos trabalhadores braçais, necessária à comunicação do trabalho e relacionada às necessidades de técnicas de comunicação do guindasteiro com o sinaleiro, quanto de expressões de estímulo e de trocas, apoio coletivo e autoapoio no trabalho

coletivo, pois havia necessidade de todos trabalharem juntos, de todos executarem movimentos rotineiros, objetivando um resultado coletivo.

Outra forma de expressão corporal também aparece na entrevista com Jorge Paiva, que, ao demonstrar movimento e muita ação, com palavras, diz o seguinte: “amarra a lingada, bota pra rua, traz de volta, e é aquela correria. Todo mundo pega parêlho, porque é dinheiro [...]. Sempre para o coletivo, não pode destoar”. Verifica-se uma demonstração própria do trabalhador do porto, pois havia uma exigência de agilidade, tanto coletiva, por parte do colega trabalhador e das empresas receptoras da carga, e por parte do agente de navegação que estava entregando a carga, quanto individual, pelo ganho que cada um poderia obter. O mesmo aparece novamente, nesta passagem de sua entrevista: “aquela ali me dá um tiro bom, um tiro desse aí, quatrocentos, quinhentos pila, assim, na corrida, é trabalhada, é produção, então, é bem joquiado. Amarra a lingada direitinho”. Aqui aparecem as expressões, “*trabalhada*”, “*produção*”, “*joquiado*” e “*lingada*”, expressões recorrentes no trabalho do porto, mas que denotam uma aceleração, um esforço superior que tem que ser feito, que não é tão fácil assim. Até porque agora o entrevistado estava rememorando o tempo em que havia sido estivador sindicalizado e tinha direito de escolher o serviço, poderia esperar um bom trabalho, um trabalho que remunerasse melhor, e esses termos denotam essa contundente força que havia de ser feita para poder obter o ganho que almejava, complementado por “*aquela corrida dava um tiro bom*”, que demonstra a busca pela melhor remuneração, mas que, fique claro, ocorria com muito esforço. Outra demonstração de agilidade e de busca de um envolvimento coletivo no trabalho aparece na fala de Jorge Paiva, quando utiliza as seguintes expressões de mobilização, destacadas a seguir: “**vamo lá, pessoal, vamo lá!** Quando era sacaria, era sacaria, quando era a granel, a granel. E ali **a gente grudava, ali, feito louco, né. Ferro e ferro, e ferro e ferro.** Chegava às oito da noite e era o outro turno”.

Para expressar uma ação comum no trabalho que era realizado em espaços de alto risco e cuja segurança era peculiar e aprendido pelo trabalhador, Maromba utiliza um recurso em sua fala relacionado ao momento e à circunstância do espaço disponível na sala da entrevista. Segundo o entrevistado,

não existe técnico de segurança, que venha falar, como evitar acidente de estiva, porque é outra coisa diferente, é outro mundo diferente. Agora mesmo eu bati na cadeira aqui, por exemplo, eu bati com esse pé na cadeira e já ia dar um passo, mas eu bati e já parei... é uma coisa gozada... tu só pegas... Tu trabalhas num buraco aqui de trinta metros pra cá, trabalha todo o tempo ali, mas não podes ficar naquele buraco nunca, tu tem a noção da distância...

O exemplo esclarece a percepção do corpo e do espaço onde está o trabalhador, uma consciência ligada à memória corporal e à aprendizagem que só é possível realizar na prática. Referendando o que diz Bergson (1990: 125), a memória mecânica, corporal, é “constituída pelo conjunto dos sistemas sensório-motores que o hábito organizou, é, portanto, uma memória quase instantânea à qual a verdadeira memória do passado serve de base”.

Em fragmento da entrevista de Maromba, também é utilizada uma imagem relacional para explicar como faziam um amarrado de madeira para ser levantado pelo guincho de bordo ou guindaste de terra. Diz o entrevistado, demonstrando com as mãos:

Isso aqui é um amarrado de madeira, esse banco aqui, e os caras deixaram a alavanca assim, só que eles vão botar outro amarrado desse aqui na frente, o amarrado tem mil e duzentos, mil e trezentos quilos, dependendo até mil e quatrocentos quilos se for de pranchão, e a alavanca daquelas pesa mais de cinquenta quilos...

Outra imagem relacional, utilizada por Geraldo da Silveira para explicar uma situação e o uso do termo “coberta” que denota cobertura, faz uma comparação do navio com a garagem e o pátio da sua residência, espaço onde ocorreu a entrevista. Diz ele: “conforme nós estamos aqui, na garagem, é coberta, e aqui [no pátio, no portão da garagem] é a boca do porão –, então, a caçamba não tem como entrar ali, para tirar aquele sal que está ali, a retroescavadeira vai lá, bota para a boca do porão, isso tudo com o cuidado do sinaleiro”.

Segundo Jorge Paiva, o portaló ou sinaleiro era o trabalhador da estiva que fazia o sinal para o guindasteiro, e era uma comunicação por sinais: “o estivador, ali embaixo, engatava a caçamba, e o portaló lá em cima, tava bem direitinho; depois, ele fazia o sinal e o guindasteiro puxava lá para fora”. A responsabilidade do trabalhador era muito grande, pois poderia causar um acidente ou atrasar o serviço; por isso, fazia-se um reforçamento positivo quando o portaló acertava e o fazia com agilidade e precisão: “vou te apresentar minha irmã”; mas, negativo quando errava. “Desce daí, seu filho de uma...! Desce daí, que eu vô te matá! Seu isso, seu aquilo...!”

Também nessa mesma ideia de reforçamento, quando um trabalhador estava sem condições, ou era novato e estava experimentando o serviço recentemente, colocavam o cidadão para carregar ou descarregar um caminhão, segundo conta Jorge Paiva, “para ver se ia aguentar, porque tinha, naquela época, os que não aguentavam; aí diziam: *olha, deu tigre, deu tigre*. E *tigre*, a gente sabia, é quando o cara não podia com o trabalho. Olha! Chama um lá porque este aqui não deu para o serviço”. Essa expressão era adotada, quando a pessoa estava acostumada a trabalhar, mas, naquele dia, não dava, por uma situação ou outra; e aí havia o reforçamento coletivo, para dizer para o grupo, para cada um dos componentes do grupo, que não fosse trabalhar se não tivesse condições. É o que

conta Jorge Paiva: “vamo lá, pega aí... pega isso aí, é o tigre... o casaco, assim, já estava meio abanando... com fome, e às vezes semi-alcoolizado; o cara queria ir ali, mas não tinha condições; então, acontecia isso aí...”

O incentivo para o trabalho era outra forma de reforçamento. Segundo Paiva, “às vezes, a gente tava cansado, e diziam: – Aproveitem agora, porque depois vai levar uma semana ou duas sem vir mais nada. – Vocês quem sabe! [...], aquela pressão psicológica”. E por causa do reforçamento, do estímulo financeiro e do medo de não conseguir trabalho na outra semana, e como “dava um dinheiro bom”, acabavam movidos por essas emoções e satisfações das necessidades pessoais e psicológicas; aí, então, “chegava às oito da noite e era o outro turno. Já quando ia... – Vamo lá, pessoal, vamo lá, vamo lá! E já grudava de novo”. Esse estímulo fazia os trabalhadores nem sentirem o trabalho e nem mesmo a vida passar, levando a vida no automático, como se fossem máquinas.

Nesses diversos fragmentos das entrevistas, percebe-se o encontro das duas memórias pensadas por Henri Bergson (1990), a memória corporal e a memória lembrança representação. O trabalho manual e cotidiano, que o corpo do trabalhador estava acostumado a fazer, agora é apenas uma representação, uma lembrança que se transforma em produção de linguagem. No entanto, a linguagem expressa pelos entrevistados demonstra o uso do corpo para gerar uma explicação, para condensar as informações. Por isso, essas entrevistas estão crivadas de elementos de uma memória associada ao corpo. Pode-se verificar que o corpo, para o trabalhador, era peculiar, pois era seu meio de sobrevivência, seu instrumento de trabalho e seu modo de expressão do espírito.

p
o
r
t
o

Corpo estigmatizado corpo a corpo Porto Corpo instrumento

Corpo memória lembra corpo não quer lembrar espírito

Corpo sofrimentos Corpo explorado

Corpo necessidade Corpo come

Corpo x capital porC o usado

não trabalho não corpo⁴

FONTES

⁴ Poema do autor.

ALBINO, João (Maromba). **Entrevista Oral sobre os Trabalhadores do Porto de Porto Alegre**. Porto Alegre, 01.04.2008.

BRASIL. **Lei n. 8.630**, de 25 de fevereiro de 1993. Dispõe sobre o regime jurídico da exploração dos portos organizados e das instalações portuárias e dá outras providências (Lei dos Portos). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8630.htm, Acesso em 05.07.2009.

CORREA, José Carlos (Cabobabá). **Entrevista Oral sobre os Trabalhadores do Porto de Porto Alegre**. Porto Alegre, 10.03.2009.

PAIVA, Jorge. **Entrevista Oral sobre os Trabalhadores do Porto de Porto Alegre**. Porto Alegre, 20.02.2008.

SILVEIRA, Geraldo Mello da. **Entrevista Oral sobre os Trabalhadores do Porto de Porto Alegre**. Sapucaia do Sul, 10.06.2008.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar: Textos em História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ARRUDA, José J. de Andrade. Experiência de classe e experimento historiográfico em E. P. Thompson. **Projeto História**. São Paulo, nº 12, pp. 95-107, outubro, 1995.

BATALHA, Cláudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira; FORTES, Alexandre (Org.). **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. São Paulo: Unicamp, 2004

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade**. Lembranças de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras.

GANDRA, Edgar Avila. **O Porto dos Direitos: A trajetória dos trabalhadores nos serviços portuários de Porto Alegre no período de 1959 a 1969**. Porto Alegre: UFRGS, Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2004.

HALBWACHS, M. **A memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HARRES, Marluza M.. Aproximação entre história de vida e autobiografia: os desafios da memória. **História UNISINOS**. Vol. 8 nº 10. São Leopoldo: Unisinos, jul/dez 2004. pp. 146-147.

THOMPSON, Edward P.. **A Miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, Edward P.. **As Peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Organizadores: Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas, SP: Unicamp, 2001.

THOMPSON, Edward P.. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Edward P.. **Formação da Classe Operária Inglesa**. Tradução de Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 3v.

SARTI, Ingrid. **Porto Vermelho**. Os estivadores Santistas no Sindicato e na Política. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SCHMIDT, Benito Bisso. Entre a filosofia e a sociologia: matrizes teóricas das discussões atuais sobre história e memória. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXXII, nº 1, pp. 85-97, junho 2006.

SILVA, Fernando Teixeira da. **A carga e a culpa**. Os operários das Docas de Santos: Direitos e Cultura de Solidariedade 1937-1968. Santos: Hucitec, 1995.

SILVA, Fernando Teixeira da. **Operários sem patrões: os trabalhadores da cidade de Santos no entreguerras**. Campinas SP: Editora da UNICAMP, 2003.

VIVIAN, Diego Luiz. **Indústria Portuária Sul-Rio-Grandense**: Portos, transgressões e a Formação da Categoria dos Vigias de Embarcações em Porto Alegre e Rio Grande (1956-1964). Porto Alegre: UFRGS, Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2008.

Recebido em *setembro* de 2011
Aprovado em *novembro* de 2011